



LEGADO
RODRIGO
FUNCHAL ZUCOLOTO

LEGADO

RODRIGO
FUNCHAL ZUCOLOTO



LEGADO
HISTÓRIAS DE VIDA

Texto: Marcelo Aramis
Diagramação: Fabiane Reginato
Edição e Revisão: Legado - Histórias de Vida
Fotos: Arquivo pessoal da família
Ano: 2021

www.historiasdevida.com.br



Morro Santana, Porto Alegre, década de 90. Uma árvore ao lado de uma parada de ônibus é escada para o olhar de moleque. Para aqueles que, talvez naquele período estivessem matando aula e procurando diversão, é um convite. Os galhos escondem o que eles, agachados sobre a parada, arquitetam longe da vista dos pais e dos motoristas que passam ali. O ônibus para. Enquanto passageiros descem e embarcam, os meninos saltam da parada para o teto, num movimento sorrateiro, nem sempre percebido pelo motorista. Agarrados às tampas de ventilação, eles viajam por algumas quadras. Pelo menos até o próximo ponto, sentem o vento no rosto, o frio na barriga de quem faz algo proibido e a adrenalina do perigo que, aos poucos, eles vão subestimando. Quando descobertos ou quando já se afastaram o bastante do ponto de partida, giram o corpo para as laterais do ônibus e deslizam até o chão. De cara no vidro, sorriem para as caras apavoradas e reprovadoras dos passageiros lá dentro. Pé no chão, correr!

Soeletz, mãe de um dos meninos, ouve a história hoje como se fosse inédita. Parece um pouco decepcionada por não ter ficado sabendo antes e sente uma ponta de aflição, como se voltasse por um instante naquele tempo. “Tô sabendo dessas coisas agora”, diz, aliviada por ele ter

saído ileso de mais uma das que aprontava. O menino de Soelez narra a cena com um sorriso meio de canto, de quem aprontou, sabe que errou, mas sente que valeu o risco. E, se pudesse voltar no tempo, provavelmente faria de novo. Rodrigo tem 43 anos, juízo para não viajar em teto de ônibus e dois filhos a quem ele serve de exemplo. A história que ele conta a partir de agora, sentado no sofá e abatido por uma doença grave, também é sobre risco de vida. Mas é, sobretudo, sobre vontade de viver intensamente.

“A mãe fez tudo sozinha”

Na memória mais forte de Rodrigo, a mãe está trabalhando. Na mais antiga, por volta dos cinco ou seis anos, o pai está presente. “A gente estava na praia de Tramandaí com o meu pai: eu, meus irmãos, minhas irmãs por parte de pai e a mãe delas.” A presença de Dorival na cena é lembrança de uma dessas coisas que marcam por nenhuma ocasião especial, como a praia, mas ficam estampadas ali como registro de momento bom. “Ele era uma pessoa boa, procurava reunir os filhos”, conta, desempoeirando os momentos alegres com o pai, como os passeios no Parque Harmonia. Nem sempre essa relação foi fácil. “A mãe fez tudo sozinha”, conta Rodrigo, que viu os pais se separarem ainda na infância. O contato com o pai se reduziu. Aos poucos, tornou-se muito

esporádico, restrito às datas especiais. Como aquele tio que mora em outro estado, mas que a gente sempre gosta do reencontro.

Soeletz, de Rio Grande, e Dorival, de Santo Ângelo, se conheceram em Porto Alegre. “Naquele tempo, mulher tinha que aprender a costurar, fazer comida e trabalhar na roça”, conta ela, sobre como chegou à Capital. Aos 17 anos, saiu da casa dos pais, no interior de Rio Grande, para fazer um curso de cabeleireira na cidade. Dizer que iria voltar a ajudou a ganhar a permissão para sair. Mas ela sabia que não retornaria. Durante o curso, Soeletz conseguiu emprego na cidade: trabalhava em um salão e cuidava da casa da patroa, onde morou por oito anos. Depois foi morar com uma irmã mais velha, casada, em Porto Alegre.

“Fui para lá assustada com tudo o que me falavam de Porto Alegre e diziam para eu não ir. Quando cheguei na rodoviária, com aquele movimento todo e burburinho de gente, senti como se tivesse passado a vida toda ali”, lembra. Na primeira noite, passou frio porque não tinha coberta. No outro dia, foi para o centro, completamente adaptada ao lugar, e comprou a coberta. Logo conseguiu emprego como ajudante de cabeleireira e manicure em um salão de gente rica. Foi nessa época, construindo sua independência, que conheceu Dorival, de quem nunca dependeria.

Foi em um passeio no zoológico, com as colegas do salão, que se viram pela primeira vez. Irmão de uma delas,

Dorival deu carona e participou do passeio. “Caiu alguma coisa na minha roupa e ele limpou e pediu desculpas. Imagine! Naquele tempo não se tocava assim em uma mulher”, lembra, com ares de moça. Dorival seguiu oferecendo caronas na saída do trabalho. Na época, Soelez achou ele conquistador. Hoje, se enxerga “menina boba do interior.” A mistura deu certo.

Os pais de Soelez demoraram para aceitar o genro, “um divorciado”, mas foram cativados por ele. Ela apaziguou os ânimos mostrando como opção um casamento no Paraguai ou Uruguai, não lembra bem, onde a união pós-divórcio era permitida. Na verdade, nunca teve a intenção de oficializar. “Eu nunca quis usar nome de marido. Eu não iria tirar o nome da minha família para pôr um nome de homem. Eu jamais tiraria o nome da minha mãe para pôr o nome de uma pessoa que nem meu parente era.”

Foram morar juntos e logo, em 1972, tiveram o primeiro filho: Dorival Junior. Os outros três vieram em escadinha: Denise (1976), Rodrigo (1978) e Liliane (1979). Como representante comercial, Dorival passava uma semana em casa, outra fora. Na maior parte do tempo, era Soelez que cuidava de tudo, enquanto trabalhava. Rodrigo foi o único que Dorival viu nascer: não literalmente.

“Nunca nos faltou nada”

Soelez não reclama, mas a gravidez de Rodrigo foi complicada. “Aos três meses, ele meio que quis vir antes. E o médico mandou fazer repouso. Repouso...”, ri, lembrando o quão impossível era repousar com dois filhos pequenos, trabalho e a ausência do marido. “Eu tinha feito um pé e uma mão de uma senhora à tarde. Fui dar banho na Denise e estourou a bolsa.” Soelez pediu ajuda de uma vizinha – os vizinhos sempre foram um apoio nessas horas –, que a levou ao hospital. “Ela ligou para o pai deles que estava viajando (estava sempre viajando ou dizendo que viajava) e ele veio. Estava cansado e era um calor insuportável naquele dia. Disse pra ele ir para casa e pegar a mala que estava prontinha. Quando ele chegou no hospital de volta, o Rodrigo já tinha nascido. Mas foi o único filho que ele estava perto quando nasceu”.

Rodrigo nasceu e Soelez continuou trabalhando. Dorival não gostava. “Mas nunca deixei de trabalhar. Eu dizia: ‘não importa o que tu faça, eu nunca vou deixar de trabalhar’. E foi a minha sorte.”, lembra. O trabalho de Soelez seria ainda mais importante para o sustento da família logo adiante. Quando Liliane, a caçula nascida um ano após Rodrigo tinha pouco menos de um ano, a família foi para São Borja, onde Dorival trabalhou como gerente em um supermercado. “Foi a época em que a gente melhor viveu, financeiramente. Morava em uma casa boa, ele tinha salário”, recorda Soelez. “De alguma

forma, isso subiu para a cabeça dele e ele se envolveu com uma mulher lá dentro”, conta. A família voltou para Porto Alegre, montou um salão na garagem e Soelez foi se consolidando como chefe de família. “Foi aí que eu comecei a ter independência”.

Assistir à separação dos pais foi doloroso para a família. Com o tempo, as visitas para buscar os filhos no final de semana também ficaram conturbadas. “Ele ia nos ver. Mas aí ele brigava com a minha mãe e eu não gostava”, lembra Rodrigo, que curtiava os passeios com o pai, mas não tem boas lembranças da hora que ele aparecia no portão. Quando Soelez pediu na Justiça a regulamentação das visitas, com horários para buscar e trazer as crianças, os encontros com o pai se tornaram raros. Nessa fase da vida, Soelez contou com o apoio de pessoas como a prima Meri e o noivo, Padilha, que levavam as crianças para passear, ajudavam como podiam e foram sempre presentes na família.

Dorival faleceu em 2016, por complicações de um câncer de próstata. No fim, contou com o apoio, especialmente financeiro, dos nove filhos, divididos em três famílias. Hoje os filhos lembram dele como alguém que escolheu caminhos errados na vida e que acabaram o levando para longe da família. As lembranças mais carinhosas são da infância e adolescência, quando ele ainda os tratava como crianças pequenas, mesmo quando eram crianças crescidas. A partida foi solitária.

Ainda que conturbado para os filhos, o afastamento

do pai apaziguou a casa. E o trabalho da mãe sempre foi suficiente para sustentar a família. “Minha mãe trabalhava dia e noite. Ela batalhava muito. Nunca nos faltou nada: ela sempre nos vestiu, deu comida”, reconhece Rodrigo. “E sempre deu muito amor, carinho, cuidado”, destaca.

Soelez entregava o básico (com quatro filhos, é muito) e, sempre que possível, um pouco além. “Eles tomavam três litros de leite por dia. Quando pediam: ‘Mãe, não tem Nescau’, me dava um remorso... No outro dia, eu ia comprar”, conta. Segundo ela, os filhos nunca tiveram nada sobrando, nenhum luxo. Algumas pequenas regalias, mais carinhosas do que luxuosas, supriam isso também. “Lembro de chegar uma noite, aí pelas dez e meia, que era o horário que eu conseguia sair para comprar. Cheia de sacolas. Tinha ido no Carrefour comprar o material escolar, com apontador de bolinha e essas coisas diferentes que as crianças gostavam naquela época. Eles estavam todos esperando para escolher e era aquela bagunça...”, recorda Soelez, orgulhosa dos filhos e das próprias conquistas.

“Tira ele da escola, Soelez!”

Rodrigo e os irmãos frequentaram escolas nos arredores do morro Santana, a estadual Alcides Cunha e a municipal Ana Íris do Amaral. “Os colégios eram perto e a gente ia a pé”, conta Rodrigo, que estudou na mesma turma da irmã Liliane. “Éramos muito dependentes um do outro. Eu defendia ela, ela

me defendia. A gente estava sempre juntos." A família morava no pé do morro Santana, um lugar mais tranquilo naquela época e que foi o pátio para a infância de Rodrigo. "Era um lugar em que se brincava na rua, jogava taco, jogava bola. Eu me dava com todos, desde o mais rico ao mais pobre. Morei por 29 anos e me dava com todo mundo lá", lembra.

"Eu fiz até a sétima série e parei", conta Rodrigo. "Eu matava aula, vivia no Iguatemi", revela. "Ficava de papo nas esquinas", completa Soelez que, na época, ouviu um conselho de uma cliente e se arrependeu. "No governo do Collares, tinha muita greve nas escolas e o Rodrigo rodou duas vezes na quinta série", conta. Por volta dos 13 anos, ele começou a deixar de levar a sério o compromisso de estudar. "Tira ele da escola, Soelez! Coloca depois noutra lugar", aconselharam no salão. Já que Rodrigo não estava mesmo indo para a escola, Soelez acatou a dica, esperando que, mais tarde, ele sentisse falta de estudar. "Pior coisa que eu fiz. Ele nunca mais quis voltar."

Soelez e Denise fizeram mais uma tentativa: supletivo. E foi no salão também que a mãe ficou sabendo que não tinha funcionado: "Olha, Soelez, vai ver, que ele não está estudando..." A mãe fechou o cerco: "Se tu fizer isso comigo e com a tua irmã, Rodrigo, tu tá fazendo um pecado. Porque é um sacrifício estar pagando pra ti e tu não estar indo pra aula", prensou. E Rodrigo admitiu. "O Xandi, meu amigo do morro Santana, tinha banda, fazia tatuagem, A casa dele era o ajuntamento de todos nós", conta Rodrigo, sobre o que fazia em vez de frequentar o supletivo.





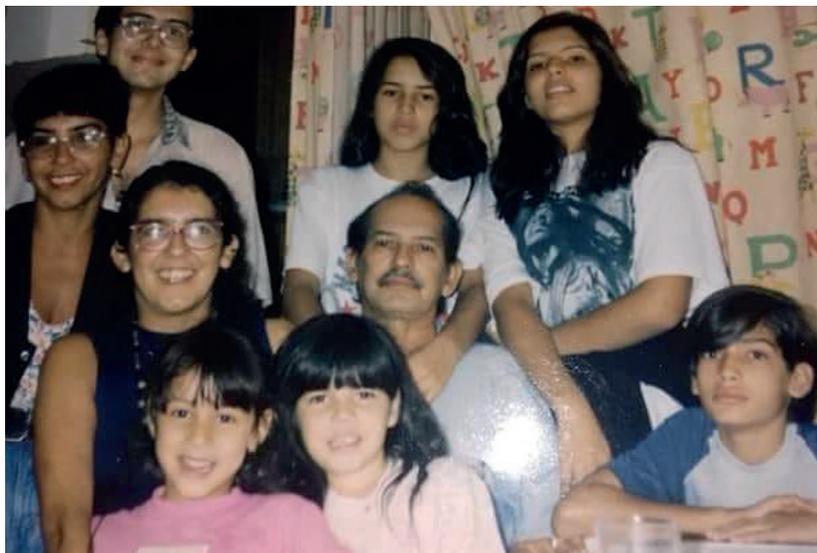
Acima, Rodrigo com Liliane. Abaixo, Denise (mais ao alto), Rodrigo (na frente, com mangas azuis), Liliane, Gracieli (bebê), Francieli (à esquerda) na praça do bairro Jardim do Salso, em Porto Alegre. Na página anterior, Rodrigo com 3 meses.



Acima, Denise, Liliane, Rodrigo e Junior, em frente à Kombi do pai, com os presentes de Natal. Abaixo, Rodrigo (de macacão), com os tios e primos por parte de pai, ao lado da madrinha, Eva.



Acima, Rodrigo na praia com as primas e irmãos. Abaixo, no aniversário de 5 anos.



Acima, Rodrigo (à direita) com todos os filhos de Dorival, exceto João. Abaixo, com a mãe e o Barão, mascote da da família que viveu 18 anos. Na página seguinte, com Liliane e o pai, na Primeira Comunhão na igreja Santa Ana, Morro Santana.





Em várias fases da vida, sempre ao lado dos irmãos.



Rodrigo cresceu no Morro Santana, um lugar onde as crianças brincavam na rua e todo mundo se conhecia.





Morro Santana, cenário da infância e de 29 anos da vida de Rodrigo.



Acima, os irmãos, na casa da avó paterna, Mazília, em Santo Ângelo.
Abaixo, com Soeletz e a tia Carmem.



Do mais novo ao mais velho: Liliãne, Rodrigo, Denise e Junior. Acima, o pai, Dorival.



“Sempre fui meio Macgyver”

Logo que Rodrigo parou de estudar, o trabalho preencheu o espaço da escola. E da conversa fiada nas esquinas também. “Comecei a trabalhar com 14 anos, na Alimentic. Meu irmão trabalhava lá e conseguiu uma vaga de office boy”, conta. Depois da empresa de produtos alimentícios, Rodrigo trabalhou como vendedor e na descarga de caminhões de uma loja de roupas. Em seguida, conseguiu emprego em uma fábrica de fraldas, que cresceu e passou a fornecer também laticínios. “Trabalhei cinco anos na VeW, na produção e depois nas entregas. Nessa época, levei vários amigos meus para trabalhar lá.”

Rodrigo sempre foi rodeado de amigos, inclusive no trabalho. No seu primeiro emprego em marcenaria, profissão que se tornaria sua especialidade, foi colega de dois grandes amigos do morro Santana: Alexandre Godoy (O Xandy) e Elvis da Rosa Garcia. “Trabalhei na Marcenaria Otto, do Roberto Otto, que é um amigo meu, mais velho”, conta. Em uma época em que não existia MDF, Rodrigo preparava a madeira bruta para a fabricação de móveis, na função de lustrador. “Passa uma demão de selador, a madeira arrepia. Aí lixa novamente, passa outra demão, ela arrepia de novo. Repete até ficar lisa, com brilho ou sem”, descreve Rodrigo.

Na Marcenaria Otto, além de preparar a madeira, Rodrigo aprendeu o ofício de marceneiro e de montador

de móveis. “Tenho muita gratidão por esse casal, Roberto e Denise. Já se passaram mais de 20 anos (e eles continuam as mesmas pessoas!) e hoje ganho meu pão de cada dia graças à profissão que eles me deram oportunidade de aprender”, declara. Rodrigo encontrou no trabalho manual um talento que já aparecia na infância. “Eu sempre fui meio MacGyver, o cara que pegava um clipe e um chiclé e construía uma bomba. Eu gostava de desmontar carrinhos, usava o motorzinho para fazer barcos...”, lembra. “Tu precisava ver os bichinhos que ele fazia com massinha de modelar”, recorda a mãe.

“Eu procurava um novo som”

Outro talento de Rodrigo é o relacionamento com pessoas. Em 2000, ao lado dos irmãos, pôde ter o trabalho perfeito para quem gosta de gente e de fazer amigos. “Como eu gostava de reggae e tinha bastante conhecidos nesse meio, inclusive bandas do meu bairro, a Denise abriu o Território da Paz Casa de Reggae, na Protásio Alves, em frente ao Barranco”, conta Rodrigo. E aqui cabe um parêntese que a humildade faz com que ele não declare. Rodrigo não apenas gostava de Reggae, é grande conhecedor do assunto, tem feeling para a música de qualidade, conhece muito mais do que as bandas do bairro e lançou diversos artistas enquanto comandava o palco e a mesa de DJ do Território.

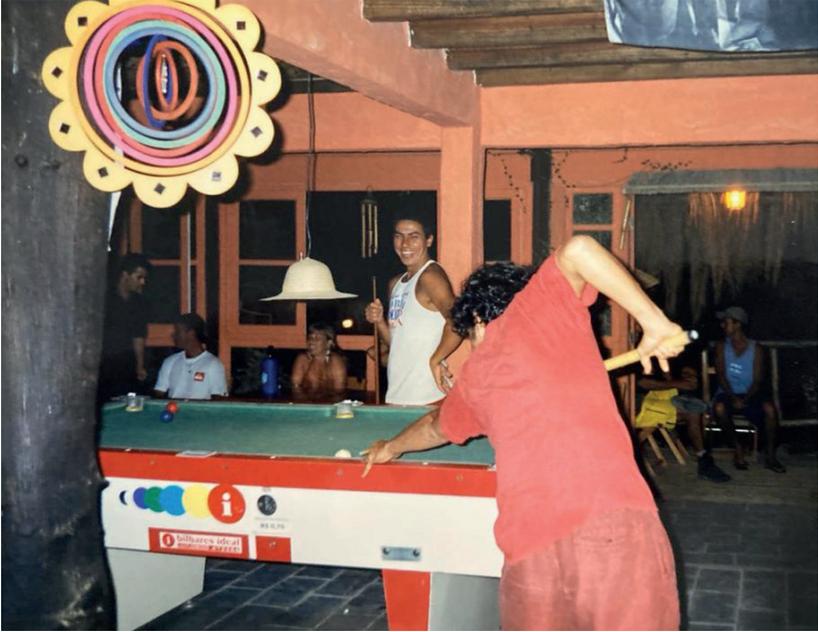
Denise cuidava da administração, Liliane auxiliava na noite e Junior, embora tivesse outro emprego, colaborava também. “A gente se desgastou muito, mas foi muito legal. Eu fiz amizades que tenho até hoje”, conta Rodrigo, destacando o que é sempre primordial para ele em tudo o que faz: as amizades.

“Pouco tempo depois, a gente abriu o Território da Paz Casa de Praia, ao lado do Opinião. Era um bar aberto, onde a galera ia tomar uma cerveja, fazer um aquecimento antes de ir para o Opinião”, lembra. Fã de Bob Marley, o DJ deixava o ídolo de lado para dar espaço a novas bandas. “Eu procurava um novo som: Planta e Raiz, Ponto de Equilíbrio, Leões de Israel, Naiá, Bagabalô... Trouxemos bandas SP, Rio, Bahia, Maranhão”, enumera.

Em 2004, o Território da Paz Casa de Reggae foi vendido e o Casa de Praia, vendido. Rodrigo foi com Denise para a Praia do Rosa, em Santa Catarina, onde abriram o Território da Paz Fora da Casinha. Por lá, ficaram cerca de seis meses. Intensos. Rodrigo lembra com saudade de quando o trabalho era receber amigos e tocar reggae para eles. Dessa época, ficaram os amigos (muitos) e a paixão pelo reggae, que ele segue curtindo como consumidor de shows. “Olha a voz dessa mulher. Se eu fosse num show desse hoje, acho que me curava”, brinca, mostrando no celular o vídeo que gravou no show da cantora Dezarie, das Ilhas Virgens, reduto contemporâneo do reggae.



Acima, Rodrigo (de xadrez, com os amigos, da esquerda para a direita: Bernardo (afilhado), Anderson, Vagner, Marcelo e Marcelo Siqueira, amizades feitas no Morro Santana. Na foto, visita do grupo após radioterapia, em Porto Alegre. Abaixo, com Denise e Roberto Otto, amigos de longa data, em momento recente: em meio ao tratamento, Rodrigo visitou os dois, na marcenaria onde trabalhou na juventude, para agradecer-los pelo apoio que sempre recebeu.





Algumas das criações de Rodrigo como marceneiro/vidraceiro, na loja na rua Mariante, bairro Rio Branco. Ao lado, no Brique da Redenção, expondo trabalhos do seu empreendimento, a Vidraçaria Funchal.



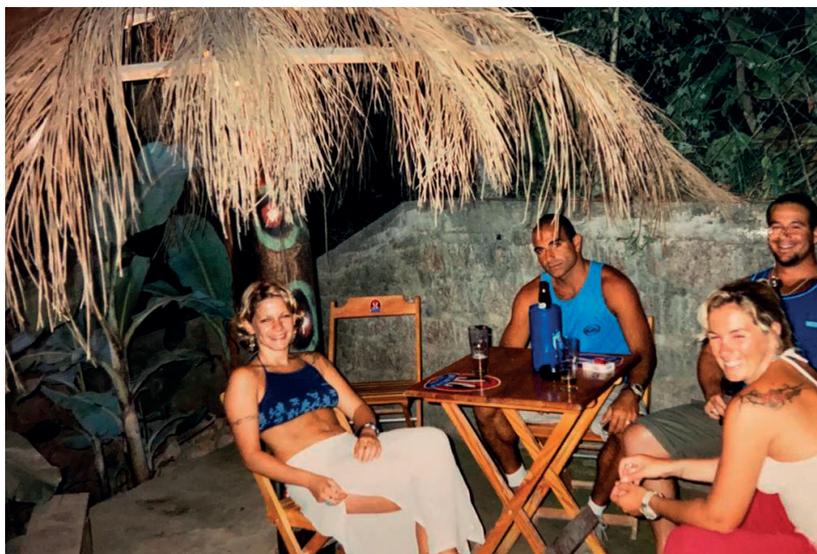
BIL SUR

Heineken

Coca-Cola

SWAZEM

MARTINI



Cenas do Território da Paz, casa de reggae aberta pela irmã, Denise, e que Rodrigo cuidou da programação em três endereços, dois em Porto Alegre (Casa de Reggae e Casa de Praia) e um em Florianópolis, na Praia do Rosa (Fora da Casinha).

Era um show do Alpha Blondy: a bolsa estourou

Rodrigo sempre quis ser pai, E foi numa pista de reggae que viveu pela primeira vez esse grande momento. “Era um show do Alpha Blondy. A bolsa estourou. Eu acho que por causa do grave o guri veio”, conta Rodrigo, sobre o dia em que nasceu seu primeiro filho. “No hospital, a parteira pediu pra eu chegar para o lado, porque eu estava ali, bem perto, vendo ele nascer. Foi emocionante”, conta. “Com o Gabriel, foi a mesma coisa. Eu estava ali.”

A história, com Luana Almeida, mãe dos dois filhos de Rodrigo, também começou na pista, em uma noite no Território da Paz. Depois, se reencontraram no Opinião: ela estava assistindo a um show, Rodrigo, trabalhando. “Um dia eu tava passando pela frente do Opinião e vi um rastafári, o Taylor, e eu já conhecia ele. Tava lavando a rua para poder fazer a reabertura do bar. E pensei: um dia eu vou trabalhar aí”, conta. Por intermédio de uma amiga, Helena Royes, garçõete na casa, conseguiu o emprego de garçom. “Eu trabalhava à noite e, durante o dia, fazia as reformas no bar, com o conhecimento de marcenaria que eu tinha. Fiz também toda a marcenaria do Pepsi On Stage, que é do Opinião também. Fiz todinho, do começo ao fim, palcos, banheiros, camarins... Eu e um serralheiro, o Pablo”, orgulha-se.

Nessa época, Rodrigo descobriu que era diabético e dependente de insulina. A necessidade de pisar no freio ganhou mais um motivo para se afastar do trabalho

intenso nas noites do Opinião. Houve uma briga entre garçons, e Rodrigo estava no meio. “Como eu me dava bem com todo mundo e era trabalhador, o Magrão, dono do Opinião, me falou. ‘Ô, Cabrito (eles me chamavam assim)! Fica lá no Pepsi. Tu trabalha lá e fica uns seis meses afastado do Opinião””, relata.

No Pepsi, com eventos mais esporádicos, Rodrigo cuidava da montagem das arenas para os shows e era responsável pelas copas. “Fiquei mais um tempão no Pepsi. Como era eventual, não tinha carteira assinada, fui a Florianópolis, com um amigo meu, conseguir um emprego. Foi no restaurante Del Tomate. E nesse meio tempo nasceu meu filho mais velho.”

O relacionamento com Luana durou quatro anos. “Enrolado” seria a melhor definição para o seu estado civil: não só para o momento, como para a vida. Desde a adolescência, Rodrigo, então de cabelos até os ombros, fazia sucesso com as meninas. Não se sabe se é pela boa pinta, pelo bom papo ou pelo jeito sensível de ver o mundo e se relacionar... mas Soelez viu filas de meninas no seu portão, à procura pelo filho mais novo. Rodrigo aproveitou como pôde. “Não dá pra botar no papel, meu...Não sei as datas. Eu me perco...”, diz ele enquanto tenta listar as namoradas que teve. A mãe, Soelez, tem um palpite: “Namorada, umas seis. Mas mulher... Devem ser umas 40, 50.” O jovem de “sucesso com as mulheres” talvez hoje não se considere tão bem sucedido assim nesse quesito, nem se vangloria da suposta “sorte no

amor". "Talvez hoje eu tivesse feito diferente", conta ele sobre seu ponto fraco.

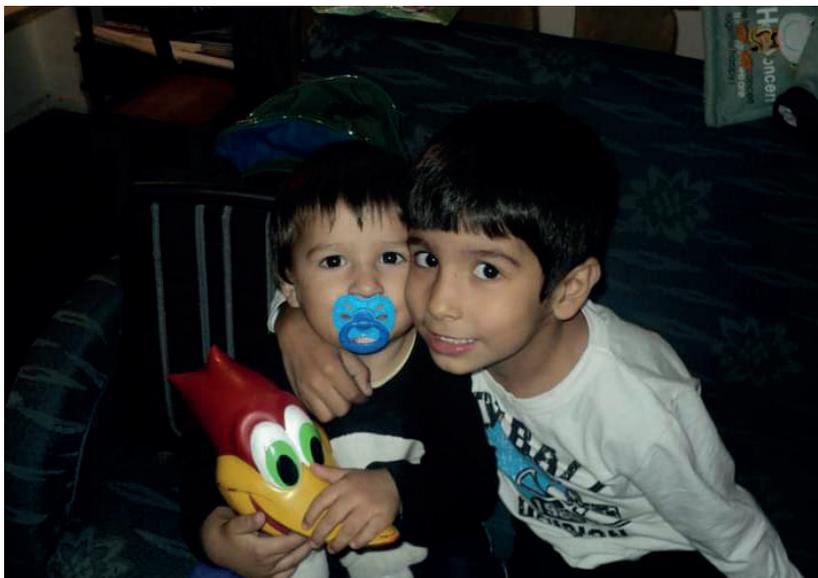
"Enrolado" define o que Rodrigo, na verdade, enxerga de uma forma bem simples. O relacionamento com Luana, por exemplo. Enquanto ele estava com Luana, conheceu a segunda mulher com quem viveu, "a mulher mais honesta que conheci". "A gente tinha ficado há muitos anos, e nos reencontramos", explica. Não houve exatamente um rompimento com uma antes do início com a outra, aconteceu tudo meio misturado. No segundo relacionamento, viveu junto por sete anos. Logo no início, quando Pedro tinha 4 anos, pouco depois da separação, Luana engravidou do segundo filho de Rodrigo, Gabriel. Enquanto você faz as contas, Rodrigo desfaz o nó: "Foi numa dessas brigas...". O namoro seguiu mesmo assim.

Atualmente, Rodrigo celebra na vida amorosa a graça de um reencontro: Joci. Eles foram namorados na época do Território da Paz. Hoje o amor renasce, mais intenso e mais maduro. Ele com dois filhos, ela também. E nessa fase da vida, os dois unem o que aprenderam, reatam e agradecem a dádiva de terem se cruzado novamente. "Deus coloca as pessoas certas na nossa vida. E na hora certa", declara Rodrigo.



Com os filhos: no pescoço, Pedro, no colo, Gabriel.







Acima, em Porto Alegre, com os filhos. Abaixo, com os meninos e a mãe, Soelez.





Rodrigo sempre manteve uma relação muito próxima com os filhos. Acima, com os dois, para mais uma tarde de manobras de skate na Praça da Matriz. Abaixo, com Pedro, a mãe, Soelez, Luana e Denise, na Redenção.. Ao lado, os meninos, com a paixão pelo skate, herança do pai.









Com a mãe, Soelez e a irmã, Denise.





Nos 15 anos do filho Pedro. "Bico" não é o apelido de Pedro, mas um termo que Rodrigo usa para chamar diversos membros da família.









Acima, de férias com os filhos na praia Ibraquera. Abaixo, com Luana, mãe dos meninos.



A gente se fala eu te amo de cinco em cinco minutos

Rodrigo não ficou muito tempo longe do filho. Quando Pedro tinha oito meses, voltou de Florianópolis para Porto Alegre e trabalhou na vidraçaria do padrasto de Luana. “Ele trabalhava com reformas de condomínios. Eu ficava com toda a parte da madeira e comecei a aprender a trabalhar com o vidro também”, conta. Nessa época, ela e Rodrigo haviam alugado um apartamento na Cidade Baixa.

Entre idas e vindas, Rodrigo e Luana acabaram juntos, pelo menos, na mesma casa. “Depois que me separei (*do segundo relacionamento*), fiquei um ano sozinho. Nessa época, a Luana morava de aluguel, com os meus filhos, eu ajudava a pagar. Mas estava uma situação difícil. O lugar onde eles moravam não era bom. E eles estavam para perder a casa”, conta. Rodrigo trouxe ela e os filhos para morarem com ele, em outro apartamento na Cidade Baixa. “Depois de 10 anos separados, voltamos a morar juntos, como amigos. Meus filhos ficaram muito felizes, era tudo o que queriam.”

A reaproximação da família trouxe também o que Rodrigo sempre quis: curtir os filhos ao máximo. Ensinou a andar de bicicleta, jogou bola, os levou para o trabalho quando podia. No papel de pai, tornou-se menino de novo, de skate com os dois na Redenção. Está acompanhando os guris se tornarem adolescentes, com orgulho pelo que construiu e cheio de boas expectativas para os homens

que se tornarão. "Nossa relação é muito boa. Nos damos tri bem", diz Rodrigo.

A ausência do pai nessa mesma fase da vida não diminuiu em nada o amor e a presença que Rodrigo dedica aos filhos. Talvez tenha aumentado. Os três curtem a companhia uns dos outros e fazem questão de demonstrar afeto. "Não tem essa coisa do homem, de ter vergonha do carinho, de beijar. São meus filhos! Eles são assim: abraçam, beijam... São muito amorosos. A gente se fala eu te amo de cinco em cinco minutos."

Além do laço forte entre pai e filhos, Rodrigo se sente agradecido pela cumplicidade que Pedro e Gabriel, hoje com 14 e 10 anos, construíram entre si. "Se um vai no mercado, não se compra uma bala que seja sem levar uma para o outro. Estão sempre juntos. Um se preocupa e se importa com o outro."

Para os meninos, a relação do pai com a mãe é respeitosa e de amizade. Rodrigo é claro sobre o assunto e os filhos entendem bem. Para as namoradas que vieram depois, o ex-casal morar na mesma casa não foi algo tão simples de aceitar. "Morar com a ex: que mulher vai aceitar? Mas eu estava bem resolvido", resume.

Qualquer coisa em madeira e vidro

"Qualquer coisa em madeira e vidro": é assim que Rodrigo resume suas habilidades na marcenaria, ao citar

que é capaz de preparar a madeira, executar o projeto de um móvel, instalar um box de banheiro ou uma sacada. Quem vê o resultado do trabalho, percebe logo que ele fez mais do que isso. Especialmente quando tem liberdade de criação, Rodrigo imprime em seus serviços a sua marca. Sabe aquele pintor de quem você reconhece a obra assim que bate o olho? Seja um projeto inteiro de móveis planejados ou uma banqueta, os resultados mostram, além da técnica apurada, a sensibilidade de artista. Rodrigo assina sem assinar.

“Há dez anos eu montei uma empresa para mim. A Vidraçaria Funchal. Hoje eu sou profissional no vidro e na madeira”, descreve Rodrigo, o seu maior projeto. No início, dividia a sociedade com o sócio Benhur Almeida Vargas, antigo sócio do padastro de Luana. “Ele trabalhava com vidro e era um baita profissional. Aprendi olhando e ajudando ele”, agradece. Luana, na época em que foi morar com Rodrigo, começou a trabalhar na marcenaria também. “Ela trabalhava na parte de vendas e com os artesanatos que ela gosta de fazer. Ela tem muitos talentos”, elogia. “Hoje é ela que toca a marcenaria e faz tudo com as próprias mãos: ela corta o vidro, cola espelho, põe na parede. Faz tudo”.

Enquanto Rodrigo está afastado, em tratamento de saúde, Marcos Oliveira Campos é braço direito de Luana na vidraçaria. “É um amigo gente boa que conheci em um bar. Ele tinha vindo de Florianópolis e não tinha onde morar. Ele fazia uns artesanatos em bambu. Encontrei ele

no Casa de Praia e falei 'eu tenho um lugar pra tu expor tuas coisas e até para tu trabalhar'. Marcos passou a trabalhar na loja e a morar no apartamento com Luana, Pedro e Gabriel. Simples assim.

“Eu só quero a minha saúde de volta”

Longe da marcenaria e vidraçaria, na casa de Soelez, Rodrigo é grato pelo que construiu e pela sorte de, mesmo parado há quase dois anos, ver seu empreendimento rendendo o suficiente para pagar as contas e o aluguel onde mora a família. “Meu medo é essa doença. Medo de ficar sem trabalhar. Eu nunca tive nem férias e agora estou aqui parado... Mas, graças a Deus, meus filhos estão lá, no apartamento. E têm dinheiro para viver com dignidade e não passar mais trabalho”, reflete.

Rodrigo entende que a pausa no trabalho é necessária para o tratamento da sua doença. Aos cuidados de Soelez, recebe a alimentação mais adequada, a atenção integral da mãe, a fé que ela tem na cura e o carinho que nunca faltou. Ainda assim, tem sido difícil frear, diante do costume de uma vida muito intensa de trabalho. Rodrigo sente falta de trabalhar, não pelo dinheiro que isso traz. “Sempre ganhei dinheiro e sempre gastei. Nunca guardei, mas também nunca fiquei devendo pra ninguém. O dinheiro sempre bateu à minha porta na hora de pagar as contas”, conta ele, para explicar que felicidade na Vidraçaria Funchal nunca

foi o faturamento.

Rodrigo não tem apego material – “se eu tiver algo e precisar doar, eu doo: mesmo que eu tenha pago caro”. Ficar doente, só aumentou o desapego. “Não quero nada. Abriria mão de tudo: só quero a minha saúde de volta”, desabafa. Das coisas que o dinheiro compra, só tem uma na lista de desejos de Rodrigo. “Meu sonho é conquistar uma casa para os meus filhos. Sempre tive esse lance com o meu pai, que não deixou nada. Tenho esse sonho porque foi uma coisa que me machucou ver a minha mãe trabalhando tanto e pagando aluguel.” É pelo mesmo motivo que Rodrigo admira a irmã, Denise. “Ela tem muita garra. Com quinze anos, ela já falava que ia trabalhar e dar uma casa pra mãe. E ela conseguiu”, conta ele, o protegido da irmã. “Ela sempre me ajudou e sempre me defendeu. Até quando eu não merecia.”

Do nada, eu renasço

Defender Rodrigo, para quem lê a história sem conhecê-lo, pode parecer tarefa impossível: basta ver, com imparcialidade, o trecho do ônibus na infância ou o emaranhado amoroso na fase adulta... No entanto, para quem conhece sua alma, tomar partido dele é simplesmente natural. Quando pequeno, na saída para as compras no açougue, a mãe o flagrou batendo com uma faca em uma árvore. “Rodrigo, que pecado! Não

pode fazer isso com a árvore. Olhe aí, ela está chorando”, ensinou, mostrando a seiva escorrendo no tronco. Rodrigo arregalou os olhos e emudeceu. “Quando voltei, a árvore tava cheia de Merhtiolate”, conta Soelez, sobre o jeito que Rodrigo “curou” a planta. “Eu fiz um curativo nela”, conta o Rodrigo adulto, com a mesma ternura de criança que amoleceu o coração da mãe.

“Pra mim, o Rodrigo era desastrado. Porque eu não achava ele tão arteiro para acontecer tanto acidente. Na verdade, eu achava que ele era santo”, diverte-se Solez, nesse capítulo da história sobre as vezes que Rodrigo se salvou por um fio. “Todo mundo fala que eu sou Highlander. Do nada, eu renasço”, explica Rodrigo. E comprova nas histórias, a primeira, narrada pela mãe.

Quando Rodrigo tinha um mês, precisou de remédios por alguma reação ao leite. Em uma das doses, o bebê se afogou. “Eu não consegui desafogar. Sempre sozinha em casa, atravessei e pedi para uma vizinha me ajudar”, conta Soelez, que não lembra do tempo de sufoco, mas lhe pareceu eterno. Com o menino no colo, a vizinha a acompanhou, de táxi, até o pronto-socorro, onde o médico conseguiu salvar Rodrigo. De volta para casa, outros vizinhos já tinham fechado as janelas e recolhido as crianças. A vizinha que se manteve firme para prestar socorro enquanto a mãe da criança chorava, sentiu o impacto da adrenalina só depois. “Era professora. Ficou dois dias sem trabalhar, de cama, pelo abalo emocional”, conta a mãe.

"Soeletz, não te preocupa! O Rodrigo levou um tiro." Foi assim que a mãe recebeu a notícia de mais um susto que o guri deu. "Minha namorada, de Ipanema, foi me visitar no morro Santana. Minha mãe tinha o salão e eu não queria ficar com ela em casa", conta Rodrigo sobre o motivo da péssima ideia de ir namorar no Campo do Figueira. Quando saíram do campo, Rodrigo desceu em direção a um grupo, em um banco, sob uma figueira. "Os guris lá de cima gritavam: Não vai, é os guri da (vila) Safira...", narra Rodrigo que, de braço com a namorada, ainda sorriu, achando que os gritos dos amigos eram eles "folgando" por vê-lo sair com a namorada.

Mais perto do grupo, Rodrigo percebeu que não conhecia ninguém. E que os amigos estavam certos. "Tinha uns sete caras, meio mal encarados. Quando cheguei perto, um deles fingiu que estava indo embora, voltou com a arma apontada pra mim e disse que era um assalto. Ele atirou em direção ao meu peito e bala pegou no meu braço." Levaram o walkman da namorada e o tênis de Rodrigo. Quando a mãe o encontrou no hospital, foi nisso que ele concentrou. "Mãe, levaram o meu tênis, que tu me deu ontem", lembra Soeletz, que logo repôs o Olímpicus. Naquele dia, ela ainda discutiu com a polícia que presumia que o filho fosse culpado de algo. E ouviu do médico o mesmo nível de grosseria disfarçada de delicadeza de quando recebeu a notícia. "Mãezinha, aqui a gente não 'tira a bala'. Não estamos em um filme de bang bang."

Rodrigo perdeu outro tênis novinho em folha em assalto. Dessa vez, um Redley. Antes de uma festa, reuniu os amigos no quarto, calçou o tênis novo, camisa nova (que a mãe tinha comprado especialmente para essa festa de 15 anos) e uma jaqueta importada, do Chicago Bulls, que Soelez tinha ganhado de alguém. E escolheu, entre suas melhores roupas, peças para os amigos também. “Pegamos um ônibus no morro Santana e, quando descemos, três caras ficaram olhando”, conta Rodrigo. Perto demais para correr, e recém passado pelo trauma de levar um tiro, ordenou aos amigos: “não reage! Entrega”. Os amigos atenderam: além do tênis e da jaqueta de Rodrigo, os bandidos levaram as demais peças dele que os outros vestiam. “A camiseta de um, jaqueta de outro, boné do outro: os caras foram só nas minhas coisas”, ri.

A polícia chegou a atender o chamado, mas preferiu não fazer buscas na vila onde os guris tinham visto os assaltantes entrarem. Depois, um amigo mais velho, do bairro, passou e recolheu o grupo. “Fomos para a casa de outro amigo, nos vestimos com as coisas deles e seguimos para a festa: todo mundo de roupa velha, tênis velho”.

A fase entre 15 e 17 foi mesmo perigosa. Em outra ocasião, com duas festas de 15 anos simultâneas no morro Santana, Rodrigo escapou por pouco. “Bebemos demais e acabou todo mundo em uma parada de ônibus na Protásio Alves, perto da Silva Só”, conta. Sentado na

divisão de ônibus, com a namorada no colo, Rodrigo nem viu de onde veio o tombo. “Um carro que estava fazendo pega nos bateu. Quebrei a bacia e o braço.” A namorada, arremessada para a calçada, teve ferimentos leves.

Mais velho, já trabalhando na montagem do Pepsi On Stage, Rodrigo voltou a ter uma longa internação hospitalar. “Tive febre, fui para o Hospital de Clínicas. Fizeram exames e não encontraram nada”, conta Rodrigo. Em casa, a febre não cedia. “Eu estava apavorado. Conseguiram penicilina e o meu irmão, que era enfermeiro, veio de Dois Irmãos para POA e aplicou”, diz, sobre como se auto diagnosticou com infecção. “Fui para o hospital de novo e fizeram mais exames. Eu já tinha emagrecido uns 5 kg, estava desidratado e tinha dor nas panturrilhas. A médica me xingou porque eu tinha me automedicado.” Rodrigo ficou internado por 15 dias, sem diagnóstico. Na véspera do aniversário, quando já tinha ganhado peso e se sentia melhor, a pedido da mãe, Rodrigo ganhou alta. Mas com retorno marcado, nos próximos dias, para novos exames.

“No Pepsi, sempre depois do trabalho, eu varria e deixava tudo limpo. Acho que aspirei uma bactéria”, conta Rodrigo, que fez essa relação depois de receber o resultado do exame: leptospirose. “Depois eu fui achar na internet que o tratamento para leptospirose era penicilina! Me automediquei e salvei a minha vida”, conta ele, mostrando que “molecagem” às vezes dá certo.

Eu desabei, e começamos a luta

Foi ao lado de Denise, no carro, a caminho da casa da mãe, em Caxias do Sul, que Rodrigo ouviu pela primeira vez a definição do que segue chamando de “essa doença”, porque pronunciá-la também dói: câncer. “Se tu sentir dor, tome tal remédio. O teu tumor, o teu câncer, é muito grave”, disse a voz ao telefone, na ligação do laboratório onde Rodrigo havia feito os últimos exames. “Perdi o chão. Eu desabei. Fiquei bem ruim. E começamos a luta.”

Rodrigo havia começado a buscar resposta para as dores meses antes. “Comecei a ter prisão de ventre e dores insuportáveis. Meu intestino, que sempre funcionou bem, parou. Eu ficava dias sem ir ao banheiro. Continuei trabalhando com dor e indo pro posto de saúde. Fazia exames e não dava nada”, conta. Depois de diversas consultas, uma médica pediu o exame que detecta taxa cancerígena no sangue. Com o resultado alterado, pediu uma colonoscopia. “Na primeira não deu para ver bem. Porque o procedimento exigia estar com o intestino totalmente limpo, e esse era justamente o meu problema”, lembra Rodrigo.

“Para mim, era um câncer que eu descobri na fase primária e logo em seguida eu ia ficar curado”, conta. A essa altura, antes de Rodrigo receber o diagnóstico com todas as letras, a família que o acompanhava já sabia a gravidade da situação: “um tumor grande, do tamanho de uma laranja, instalado próximo ao reto, provavelmente há

cerca de 10 anos". No final de 2020, Rodrigo começou o tratamento de rádio e quimioterapia. "Colocaram a bolsa de colostomia. Eu tinha que colocar porque, quando as fezes passavam pela lesão, eu precisava de morfina direto", relata.

Em pleno pico da pandemia de Covid-19, com hospitais lotados, não foi fácil agilizar o tratamento na proporção da dor. Diversas pessoas ajudaram, abrindo o caminho como podiam. "O marceneiro Roberto Otto, com quem eu trabalhava, conhecia o Dr. Damin, proctologista do Hospital de Clínicas e professor. É um dos melhores nessa área. Falou do meu caso para o doutor", cita Rodrigo. Gisele Albuquerque, uma amiga de infância que integra a equipe do médico, também intercedeu para que Rodrigo o encontrasse no Hospital de Clínicas, em Porto Alegre. A equipe do posto de saúde seguia tentando encaminhá-lo pelo SUS.

"Conseguimos encontrar ele no Hospital de Clínicas. Ele disse: 'Não posso fazer nada. Para fazer esse tratamento particular, tu precisa ser muito rico. E para fazer aqui, tem todo um protocolo, uma fila", conta Rodrigo. Denise pretendia tentar a via particular: marcar consulta com ele no Hospital Mãe de Deus. O médico, desencorajou a tentativa também: "Vai ser um gasto desnecessário." Com sua característica teimosia, ela marcou mesmo assim.

"Numa quinta, oito da manhã, fomos lá. Na consulta, ele saiu para fazer uma ligação e voltou dizendo. 'Tu tem que estar duas horas da tarde na emergência do HC, falar

com a Dra Tuane, que vai estar esperando para colocar a bolsa.” Rodrigo se adaptou relativamente bem com a bolsa, o suficiente para dar umas voltas de skate.

Em abril de 2021, Rodrigo se submeteu a uma cirurgia para a retirada do tumor. “Eles abriram e não deu para tirar. Viram que desse tumor saíram linfomas e se grudaram na coluna, perto da lombar, e na veia aorta”, conta Rodrigo, com os dedos entrelaçados. “E eles estão cruzados e ligados ao tumor dentro do intestino. Não tem o que fazer.”

Após o novo diagnóstico, Rodrigo abateu-se física e psicologicamente. E tenta se apoiar no duro conselho que ouviu do oncologista: “Tu acredita em Deus? Te gruda em Deus”. E é o que ele tem feito. “Estão trabalhando nas quimios para tentar diminuir o tumor. Vai depender do meu organismo, da reação das quimios” – relata, o prognóstico dos médicos. “Mas eu tô acreditando mais em Deus. Deus não dá doença para ninguém. Nós é que criamos a nossa doença.”

“A cura vai acontecer”

Rodrigo tem se apegado à fé: sua, dos parentes e amigos. “Olha no Facebook: tudo o que eu posto aparecem 500, 700, mil pessoas mandando mensagem, vibrando, torcendo, rezando.” Quando alguém liga oferecendo ajuda, Rodrigo pede orações: “Reza por mim, e tá tudo certo”. E os amigos vão além.

No início do tratamento, quando precisou de procedimentos particulares, uma vaquinha divulgada no Facebook rendeu cerca de R\$ 30 mil em quatro semanas. Outras pessoas fizeram depósitos diretos. “Um cliente que eu estava atendendo, com dor, tinha tirado 70 cm do intestino. Um dia me ligou, porque tinha ouvido na rádio sobre a vaquinha, e depositou mil reais na conta onde já pagava os meus trabalhos. Muita gente me ajudou”, agradece.

Os amigos que juntou na vida, da infância no morro Santana, no Território, nas bandas de reggae, no Opinião e todos os lugares onde esteve, estão presentes na luta. Bandas de reggae fizeram lives para promover a vaquinha. Uma delas, depois de 15 anos fora dos palcos, se reuniu na live Todos pelo Funchal. Houve quem fizesse rifa e quem puxasse corrente de orações. Na mais recente, no final de maio de 2021, um grupo se reuniu em frente ao Hospital das Clínicas, onde Rodrigo internou para uma cirurgia de correção do acesso da bolsa de colostomia. Lá fora, de onde ele podia ver, mandavam boas energias para o oitavo andar. E ele estava mesmo precisando. “Foi o pior momento de dor”, relata Rodrigo, que não conseguia se alimentar e perdeu oito quilos em uma semana.

“Achei que não ia voltar para casa. Hoje eu agradeço por ter voltado. Deus colocou os médicos ali e coloca tudo na hora certa. Se não fosse por Ele, por essa energia do universo, muita coisa não teria acontecido.”

Deus tem dado força também à família de Rodrigo.

E a família, renova a sua fé. “Tô tentando pensar positivo. Eu tenho é que pensar na cura. Acredito que a minha cura está no meu espírito. Do outro lado, a medicina. As duas coisas andando em conjunto, a cura vai acontecer”, reage.

Pedro e Gabriel seguem a rotina de aulas com a mãe, em Porto Alegre. Mas visitam o pai, em Caxias, na casa da avó, sempre que podem. Nesses momentos, enchem Rodrigo de bons sentimentos. Os meninos, para quem o registro dessa história é o maior presente, não tiveram um momento em que o Rodrigo sentou e falou abertamente sobre a doença que está tratando. Não foi preciso. Herdaram do pai a sensibilidade. Ele percebe que sabem porque são sensíveis à dor, porque já o viram chorando...

Quando Rodrigo raspou o cabelo que estava caindo, reação à quimioterapia, Pedro e Gabriel mostraram que o amor que aprenderam a partilhar em família também serve para dar um pouco de leveza ao momento que estão vivendo. Com a ajuda da avó cabeleireira, os meninos raspam o cabelo para homenagear o pai. E Rodrigo sente nesses gestos, no abraço e nos beijos a intenção de cura que o amor deles tem.

RIFA SOLIDÁRIA



#TODOSPELOFUNCHAL

Todos pelo Funchal!
Vamos ajudar pessoal! 🙏🙏🙏

Pra quem não sabe, o Rodrigo Funchal foi diagnosticado com um tumor maligno no intestino. Para dar início ao tratamento, ele precisa consultar com o especialista. Só que o tratamento é pelo sus e no momento as consultas estão suspensas devido ao Covid. Criamos esta rifa solidária para ajudar a arrecadar verba para custear o tratamento. No dia 15/09/2020 sortearemos um Mini Jardim! Tua ajuda é muito bem vinda, pois ele está em uma corrida contra o tempo. 🙏🙏🙏

R\$5,00 cada cupom

Na foto, rifa solidária criada pela amiga Tati Schmidt para auxiliar no tratamento de Rodrigo. Entre essas ações (foram muitas), houve sorteio de tatuagem do amigo Xandy Godoy, live da banda Produto Nacional, vídeo de Tati Portela (ex-Chimarruts) envolvendo os amigos do reggae com a causa, além do envolvimento da União Reggae Gaúcho (URG) e apoio da Produto Nacional, Lele de Lima Soul Jah. Rodrigo agradece ainda pelas doações direta de Fabiana Schmal, Sabrina Moura, Gabriel Gigante, Vibrações Positivas Tie Dye, Mariana de Souza Arieta, Luíza Machado, Andre Damiane, Fabiane Póvoa, Ana Paula Machado de Souza, Rodrigo Hiano, Hugo Breda, Gladis Ludwig, Luis Otavio Chagas Borges, Samuel Bumbel, Tatiana Valenci e tantas outras anônimas. A todos que apoiaram essas iniciativas, mandaram boas energias, fizeram suas orações ou, de qualquer maneira, manifestaram seu apoio, Rodrigo reforça aqui a sua consideração, seu carinho e gratidão.

Contar a minha história mostra a mim mesmo quantas aventuras, boas pessoas e bons momentos a vida me reservou. E até os desencontros me trouxeram aprendizado. Contar cada momento do que vivi revela o quanto ainda tenho para viver: e me renova a esperança de ir muito além. Minha doença, o maior desafio da minha trajetória, deixou ainda mais claro algo que eu já sabia: fiz muitos amigos pelos lugares onde passei. E são grandes amigos. É por eles, e pela minha família, que está sempre perto me dando apoio, que compartilho essa história como sinal de gratidão. Às pessoas que não conheço, que possam ter acesso a esse livro e estejam passando pela mesma situação, espero que esse relato leve conforto, esperança de cura e a força do abraço de um bom amigo. É dessa força que me rodeia, da paz de espírito que busco, da fé em Deus e na Medicina que a minha cura virá. A todos que participaram da minha história até aqui, meu muito obrigado. Que venham os próximos capítulos!

Rodrigo Funchal Zucoloto

